

MAI-BRITT WOLTERS

PINTURAS E GRAVURAS DE MAI-BRITT WOLTERS

POR JOSE BENTO FERREIRA

Nas pinturas, o tema está velado. A camada mais profunda corresponde a uma visão do paraíso inspirada pela Floresta Amazônica e pela Mata Atlântica, pintada com um vigor expressionista. Esse primeiro olhar, porém, é encoberto e apagado de modo que dele ressaltem apenas vestígios, pentimentos. A ação negadora torna-se o tema.

O encobrimento da primeira impressão não é simples denúncia da devastação. É um gesto reflexivo. Em lugar de suprimir a pintura inicial, potencializa-a. Algo da forma resiste e sobressai ao gesto que o encobre, com mais força do que antes do apagamento.

Extrapolando, é lícito pensar na destruição da paisagem natural e na idéia de que, ainda que tudo seja destruído, a devastação da Terra será mais nociva ao homem do que à natureza, em si mesma indiferente. Assim também a ação negadora da pintura é ela mesma pintura, tanto quanto o que havia sido negado.

Nas gravuras, por outro lado, apesar das semelhanças de alguns desenhos, prevalece um tom mais intimista, menos vigoroso. Há, também, interferências, que têm um sentido diverso do encobrimento das pinturas. Nas gravuras, as linhas pairam à procura de forma em meio a um fundo nebuloso. Na dificuldade de formalização reside o esforço do desenho, a força da linha no vazio.

As interferências pictóricas reúnem as gravuras e as pinturas sob o mesmo pensamento poético. Se o vigor da pintura imita as forças naturais de geração e corrupção, das quais nossas intenções são apenas instrumentos, a interferência pictórica sobre as gravuras indica um modo mais construtivo de intervenção. Tudo se passa como se, nas pinturas, se falasse em devastação e, nas gravuras, em sustentabilidade.